

Consolidação Operações são estimuladas, sobretudo, por reciclagem de ativos e redução de portfólio

Fusões e aquisições no setor de energia devem movimentar R\$ 30 bilhões neste ano

Fernanda Guimarães e Robson Rodrigues De São Paulo

Na carteira de operações dos grandes bancos, as transações vinculadas ao setor de energia elétrica têm representado um peso significativo, especialmente em termos de volume financeiro. A estimativa das instituições financeiras é de que as operações de venda e compra de empresas (M&A, na sigla em inglês) movimentem ao menos R\$ 30 bilhões em 2024, podendo chegar até em R\$ 40 bilhões em um horizonte de 18 meses.

Se confirmada a expectativa, o volume financeiro tem potencial de praticamente dobrar o anotado no ano passado, quando operações de fusões e aquisições do setor alcançaram cerca de R\$ 20 bilhões, em um ano morno para transações no Brasil.

Das operações que já estão na mesa, uma de grande peso é o pacote de térmicas da Eletrobras, processo que já entrou na segunda fase, com três interessados, e pode girar em cerca de R\$ 8 bilhões, conforme antecipou o Valor. Outro relevante é o da AES Brasil, que decidiu sair do país. Uma das interessadas é a Auren (controlada pelo grupo Votorantim e CPPB), que tem 5% da AES — a empresa chegou a fazer proposta vinculante, mas não agradou a AES Corp.

A portuguesa EDP engrossa a lista. Ela tenta vender sua hidrelétrica no Amapá e é reengajou no início do ano o Bradesco BBI no processo. Na última tentativa, o fundo canadense CDQ fez proposta para comprar os ativos, mas o grupo não encontrou condições do que classificou como "justas" de venda.

Para o responsável pelo banco de investimento do Citi no Brasil, Eduardo Miras, o setor de energia segue ocupando espaço importante no pipeline do banco, em operações típicas de reciclagem dos ativos do portfólio. "No setor de energia elétrica, ao contrário do outros

Megatransações

Compra e venda de ativos de energia podem ganhar pulso nos próximos anos

2022		
Equatorial Energia compra Ceti-D, da Enel Brasil	R\$ 1,57 bilhão	
Copel compra eólicas da EDP	R\$ 1,8 bilhão	
Enxeta conclui compra da Cete	R\$ 6,7 bilhões*	
2023		
Actis compra ativos de transmissão da EDP Brasil	R\$ 2,7 bilhões	
Starbeard e Perfin compram usina a carvão da Engie	R\$ 2,2 bilhões*	
CDQ compra Intesa, da Equatorial	R\$ 714 milhões	
Engie compra usinas solares da Atlas	R\$ 3,24 bilhões	
Ambar compra térmica a gás da Copel	R\$ 321 milhões	
Squared compra 49% da Origo	R\$ 2 bilhões	
CDQ compra da Engie falta da TAG	R\$ 3,1 bilhões	
2024		
Ambar conclui compra de usina a carvão da Eletrobras	R\$ 72 milhões	
Brookfield compra portfólio solar da Trinity	Mais de R\$ 600 milhões	
Vale compra participação da Aliança na Cemig	R\$ 2,7 bilhões	

*Inclui dívidas. **Processo está em estágio de espera, já que a concessão vence em 2028 e depende de trâmites regulatórios.

segmentos, é comum a reciclagem de ativos, mesmo entre os estratégicos." Isso significa que empresas e investidores financeiros de tempos em tempos vendem ativos para buscar outras oportunidades que podem trazer mais retorno.

No ano passado, a aposta era de um mercado mais movimentado para o setor, mas, ao final, o cenário de fusões e aquisições foi aquém do esperado de forma geral. Com isso, algumas transações foram postergadas por conta de valores que ficaram aquém do esperado pelos vendedores. O ambiente mais fraco também veio na esteira do baixo preço da energia e queda da atividade em toda indústria, especialmente pelo ambiente de juros ainda altos e bolsa local fechada para aberturas de capital, há

"É comum a reciclagem de ativos, mesmo entre estratégicos"
Eduardo Miras

mais de dois anos, prejudicando as frentes de financiamento.

Mesmo assim, grandes operações bilionárias saíram do papel e marcaram o ano, tal como a venda de 50% de participação societária em oito ativos de transmissão da Neoenergia ao GIC. Outro negócio foi fechado pela EDP Brasil, que vendeu ativos de transmissão por R\$ 2,7 bilhões ao fundo de infraestrutura da Actis.

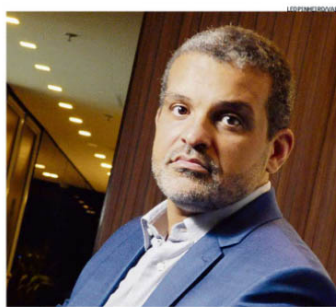
Diante do cenário de redução da inflação e o arrefecimento do juros para este ano, as operações de M&As voltaram à mesa este ano e podem alavancar as transações em 2025. Segundo fontes de mercado, existe outro impulso. A privatização recente de duas gigantes do setor, como Copel, no ano passado, e Eletrobras, colocaram na mesa mais duas empresas que antes estavam praticamente de fora do cenário de M&A, mas que agora não têm mais amarras para a venda de ativos, ou mesmo para novos investimentos em empresas. A Copel, por exemplo, está recebendo propostas para a venda da Compagas, mais uma transação espe-

rada para ser concluída em 2024.

Miras, do Citi, aponta que a recente queda do preço da energia tem funcionado neste momento como um impulsor de novas conversas, já que as empresas passam a colocar na balança opções entre novos investimentos (greenfields) ou estratégias de M&A, que podem fazer mais sentido nesse contexto. O executivo do Citi também coloca na conta de operações do setor os negócios envolvendo a indústria de óleo e gás, que estão ganhando corpo e devem acelerar ao longo do ano.

O pontapé neste segmento foi dado no fim de 2023, quando o Grupo J&F, dos irmãos Joesley e Wesley Batista, entrou no setor de óleo e gás, com a aquisição da Fluxus. Em abril deste ano, a Azevedo & Travassos comprou campos na Bacia do Potiguar e voltou à exploração de petróleo. Mais recentemente, Enauta e 3R assinaram um acordo para fusão.

O mesmo aquecimento vem sendo sentido no Santander Brasil. Por lá, as operações envolvendo energia e "utilities" são numerosas e chegam a praticamente



Leonardo Cabral, do Santander, vê movimento forte de energia e "utilities"

metade do volume, se a análise for valor financeiro, aponta Leonardo Cabral, responsável pela área de renda variável e M&A do banco espanhol no país. O executivo aponta que operações envolvendo compradores estrangeiros devem também ganhar força, dando o interesse no setor no Brasil.

O passado recente tem mostrado a força do setor e um amplo movimento de reciclagem de ativos. Dados da boutique de M&A RGS Partners, enviados ao Valor, mostram que, entre 2013 e 2023, o setor elétrico puxou o segmento de M&As e mercado de capitais no Brasil, por conta da forte pressão pela descarbonização da matriz energética com fontes renováveis, notadamente eólica e solar.

O sócio da RGS Partners, Hugo Pacheco, acredita que, no ano, as operações em geração distribuída solar devem ser destaque. Operações recentes comprovam a tese. As gestoras Nova Milano, Squared e Brookfield, por exemplo, entraram no setor com importantes aquisições e injeção de capital.

Isso ocorre devido a mudanças na regulação, que desencadeou

uma "corrida pelo ouro" na construção de ativos para aproveitarem os subsídios. Recentemente concluídos, esses empreendimentos agora passam das mãos dos antigos proprietários, que assumiram riscos da construção, para os fundos de investimento ou consolidadores, que preferem assumir a propriedade dos empreendimentos sem se expor ao risco da construção.

"No ambiente regulatório, por conta da abertura do mercado livre de energia, já estamos vendo uma grande conversão de novos consumidores para este novo ambiente de contratação de energia e começamos a ver também uma movimentação dentro de algumas comercializadoras, que deve complementar o movimento de M&A", projeta Pacheco.

Operações em geração distribuída solar devem ser destaque. Operações recentes comprovam a tese. As gestoras Nova Milano, Squared e Brookfield, por exemplo, entraram no setor com importantes aquisições e injeção de capital. Isso ocorre devido a mudanças na regulação, que desencadeou

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Página:** 1